

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM
LETRAS PORTUGUÊS**

YARA LYS SILVA DE MATOS

**ELESBÃO VELOSO
2025**

A CRIAÇÃO POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ (1909-2002):

A forte ligação do seu fazer poético com sua regionalidade

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Lucas Gabriel Lopes Pereira

ELESBÃO VELOSO
2025

A CRIAÇÃO POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ (1909-2002):

A forte ligação do seu fazer poético com sua regionalidade

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Esp. Lucas Gabriel Lopes Pereira

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Lucas Gabriel Lopes Pereira – UFPI
Presidente

Prof. Esp. Daniel dos Santos Teixeira – UESPI
Primeiro Examinador

Prof. Esp. Wanderson de Sousa Leite - IFPI
Segundo Examinador

Para minha filha, Maria Alice.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao senhor meu **Deus**, que guiou os meus passos com a sua presença constante.

Ao meu orientador, professor **Lucas Gabriel Lopes Pereira**, que dedicou parte do seu tempo, por acreditar nesta proposta de estudo.

À **minha família**, pela motivação diária para a conclusão da minha formação profissional, em especial ao meu esposo, **Ludson da Cruz Leite**, que esteve ao meu lado durante todo o caminho, a minha mãe e á minha avó, **Simone Silva de Matos e Filomena Maria da Silva**, e aos **meus irmãos**, pessoas muito importantes na minha vida, que sempre me apoiaram e incentivaram a continuar.

E por fim, à **Maria Alice**, minha filha que veio nessa reta final do curso, e que mesmo em meio á incontáveis dificuldades que surgiram, foi minha maior força para concluir este sonho, mesmo ainda na minha barriga, você é meu maior incentivo, minha menina.

Se a terra foi
Deus quem fez,
Se é obra da criação,
Deve cada camponês
Ter uma faixa de chão.
(Patativa do Assaré).

RESUMO

Este trabalho analisa a vida e obra de Patativa do Assaré, destacando como sua experiência de vida influencia sua criação poética. A pesquisa tem como objetivo explorar os elementos que estruturam sua poesia, com ênfase na oralidade, na memória e na interação entre a linguagem escrita e falada. A metodologia baseia-se em uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como Paul Zumthor (1997), Walter Ong (1998), Carvalho (2002), Feitosa *et al.* (2001), entre outros. Dividido em três capítulos, este estudo aborda a criação poética de Patativa do Assaré sob diferentes perspectivas. O primeiro capítulo, “Sou fio das mata, cantô da mão grossa”, analisa sua trajetória como poeta e agricultor, destacando a poesia como instrumento de resistência e expressão das classes populares, com influências da cantoria e do cordel. No segundo capítulo, “Pra toda parte que eu óio vejo um verso se bulí”, explora-se a interação entre natureza e criação poética, evidenciando a oralidade como marca central da obra, desde a improvisação até a poesia impressa, em diálogo com memória e cultura. O terceiro capítulo, “Meu verso tem o chêro da poêra do sertão”, investiga o sertão como inspiração e cenário do fazer poético. Patativa representa a vivência sertaneja com linguagens matuta e culta, criando uma poesia que reflete os valores e as lutas de seu povo. A poesia de Patativa do Assaré é marcada pela convergência entre oralidade e escrita, ambas coexistindo como formas complementares de expressão. Sua linguagem, tanto matuta quanto culta, reflete seu talento em dialogar com diferentes públicos. O sertão, ambiente natural e social de sua criação, inspira sua poesia, voltada à reivindicação de melhores condições de vida. A voz, elemento central, dinamiza e dá vida à sua obra, evidenciando seu caráter social e transformador.

Palavras-chave: Patativa do Assaré. Regionalidade. Literatura. Memória. Oralidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the life and work of Patativa do Assaré, highlighting how his life experience influenced his poetic creation. The research aims to explore the elements that structure his poetry, emphasizing orality, memory, and the interaction between written and spoken language. The methodology is based on bibliographical research based on authors such as Paul Zumthor (1997), Walter Ong (1998), Carvalho (2002), Feitosa *et al.* (2001), among others. Divided into three chapters, this study looks at Patativa do Assaré's poetic creation from different perspectives. The first chapter, "*Sou fio das mata, cantô da mão grossa*", analyzes his career as a poet and farmer, highlighting poetry as an instrument of resistance and expression of the popular classes, with influences from cantoria and cordel. The second chapter, "*Pra toda parte que eu óio vejo um verso se buli*", explores the interaction between nature and poetic creation, highlighting orality as a central feature of the work, from improvisation to printed poetry, in dialogue with memory and culture. The third chapter, "*Meu verso tem o chêro da poêra do sertão*", investigates the sertão as the inspiration and setting for poetry. Patativa represents the experience of the sertão with languages that are "*matuta*" and cultured, creating poetry that reflects the values and struggles of his people. Patativa do Assaré's poetry is marked by the convergence of orality and writing, both coexisting as complementary forms of expression. His language, both "*matuta*" and cultured, reflects his talent for dialoguing with different audiences. The sertão, the natural and social environment of his creation, inspires his poetry, aimed at demanding better living conditions. The voice, a central element, energizes and gives life to his work, highlighting its social and transformative character.

Keywords: Patativa do Assaré. Regionality. Literature. Memory. Orality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOU FIO DAS MATA, CANTO DA MÃO GROSSA.....	14
2.1	Um jovem poeta: vida e obra de Patativa do Assaré	14
2.2	Cantoria e folheto	17
3	PRA TODA PARTE QUE EU ÓIO VEJO UM VERSO SE BULI.....	21
3.1	Natureza e cultura.....	21
3.2	Cultura manifestada por meio da língua.....	23
3.3	Oralidade.....	26
4	MEU VERSO TEM O CHÊRO DA POÊRA DO SERTÃO	29
4.1	Memória	29
4.2	A linguagem do sertão.....	31
4.3	Um sertão de poesia.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O desejo de compreender o processo criativo de Patativa do Assaré nos impulsionou a investigar cada etapa de sua produção poética. Essa análise revelou um fazer poético singular, onde a memória desempenhava um papel central. Era uma memória viva e dinâmica, capaz de se entrelaçar com a poesia, armazenar inúmeros versos e preservá-los até o momento da performance, que ganhava vida por meio da voz e do corpo. Acompanharemos a trajetória poética de Patativa, fazendo pausas para ouvir seus versos e avançando até a etapa da escrita, sempre atentos à força da voz que ecoa em cada verso declamado ou lido.

A poesia de Patativa parece surgir e ressurgir em cada enunciação, sendo fundamentada na presença marcante da voz. Essa voz fluida carrega a sensação de algo em constante construção, algo que ainda precisa ser dito, refletindo uma poesia que se renova diariamente. Patativa não desejava aprisionar sua poesia na imutabilidade da escrita. Sua criação estava longe do caráter fixo e definitivo das palavras no papel; ela precisava ser livre, vibrante, compartilhada, um apelo vivo. A voz era o veículo que fazia a poesia viajar, ressoando no ar e alcançando as profundezas da imaginação de quem a ouvia.

A essência da poesia de Patativa estava na natureza e em tudo o que o cercava. Como uma colheita farta, nascia de sua observação do mundo ao seu redor, sem limitações impostas por condições externas. Sua imaginação, alimentada pelo cotidiano do trabalho no campo e pelas leituras feitas nos raros momentos de descanso, era a força motriz de sua criação. Para Patativa, o ato de criar versos estava em sintonia com o trabalho da terra. Dessa harmonia entre os dois ofícios nasceu uma poesia que retrata não apenas o modo de vida de seu povo, mas também o seu próprio.

Ao declamar seus versos, Patativa integrava voz e corpo, conferindo sentido pleno à sua poesia. A força de sua voz permanecia intacta, mesmo diante da escrita. Ela ecoava como um canto poderoso, criando raízes que alimentavam as verdades que ele considerava fundamentais para a humanidade. Durante muito tempo, seus poemas foram transmitidos apenas pela oralidade, em sua forma mais pura e instintiva, fascinando e inquietando os ouvintes. A palavra falada era o centro de sua criação poética, e sua fonte nunca se esgotava, pois, sua inspiração vinha do próprio povo e para ele retornava. Essa dinâmica circular reflete a intenção do poeta de

apresentar sua obra como expressão de seu pensamento e de sua visão social.

Patativa inseria-se na longa tradição oral que atravessa os séculos, desde a Antiguidade até a Modernidade, com vigor constante. Sua voz percorreu distâncias, penetrando em diversos espaços e mantendo sua essência viva. Embora sua obra concilie oralidade e escrita, é importante destacar que a criação poética de Patativa nunca se subordinou à escrita. A oralidade estava intrinsecamente ligada ao poeta, como uma parte essencial de sua identidade.

Patativa recitava seus versos com espontaneidade, sem depender da leitura. Sua memória extraordinária permitia que os poemas permanecessem intactos, aguardando o momento certo para serem declamados. Sempre havia versos prontos, armazenados em sua mente, à espera de ganhar vida quando ele desejasse compartilhá-los.

Para analisar sua trajetória, percorremos por sua obra, verificando que elementos faziam parte de sua criação. Sua poesia foi feita em meio à natureza, criada e guardada na memória e transmitida pela voz. Para entender esse processo de construção, recorremos às obras de estudiosos e pesquisadores, como Paul Zumthor (1997), Walter Ong (1998), Carvalho (2002), Feitosa *et al.* (2001), entre outros.

Outros recursos importantes, como a leitura de revistas, entrevistas e consulta aos jornais da época, serviram como referencial na busca de esclarecimentos sobre os momentos marcantes da vida do poeta.

Dado o exposto, este trabalho tem como objetivo geral discutir a vida e obra de Patativa do Assaré, perpassando por sua vida e como ela afeta o seu fazer literário. Os objetivos específicos são: a) Compreender a relação entre vida e o fazer literário de Patativa do Assaré; b) Analisar a relação entre natureza e cultura na vida e obra de Patativa do Assaré; c) Discutir sobre o sertão enquanto lugar do fazer poético de Patativa do Assaré.

Neste sentido, procuramos analisar o processo de criação de Patativa. O trabalho está dividido em três capítulos que se intitulam com os versos do poeta. O primeiro capítulo, “Sou fio das mata, cantô da mão grossa”, trata inicialmente da história de vida do poeta e dos primeiros sinais de sua poesia. Patativa poeta e agricultor, revelando sua condição de trabalhador e também de defensor das classes oprimidas através da poesia. Patativa também foi cantador e cordelista, fases que marcaram sobremaneira sua obra impressa. A cantoria e o cordel foram gêneros

importantes para firmar a natureza criadora do poeta, quando fazia os versos de repente, sem utilizar nenhum recurso da escrita. O poeta vai fazendo seu caminho e construindo uma poesia que tem dimensão social, passando de um lugar a outro e deixando impressões de um cantar que se refaz a cada verso dito. Patativa viu sua poesia se tornar mensagem de justiça, de verdade, de apelo. O poeta soube aproveitar cada momento de sua trajetória poética sempre com o propósito de incluir o outro. É esse sentimento de unidade que percorre a poesia, fazendo com que ela não se perca, não se afaste de seu destino. O poeta e sua poesia tiveram a mesma origem, vieram do mesmo lugar e partiram na mesma direção. Sua poesia é como um rio que corre e que se renova cada vez que alguém é convidado a penetrar nessas águas de rimas e versos.

O segundo capítulo “Pra toda parte que eu óio vejo um verso se bulí”, revela o cenário natural onde sua poesia se constrói. Natureza e cultura estão interligadas por dois fazeres que são indissociáveis na sua poesia. Nada mais espantoso do que ver o poeta criando versos num lugar onde é destinado trabalho braçal. Ao analisar esse momento de criação, sentimos o quanto o poeta está ligado à natureza, e dela recebe os componentes de sua poesia que passa pela memória. Patativa está inserido num contexto oral, e dele não se afasta quando sua obra passa a ser impressa. A oralidade é um elemento que perpassa todas as fases de construção de sua obra. O suporte do impresso não apagou as marcas da oralidade, que está em tudo o que poeta faz, desde a forma de pensar, de criar, de transmitir, de dizer o poema.

O título do terceiro capítulo “Meu verso tem o chêro da poêra do sertão”, trata de mostrar que o sertão é o lugar de seu fazer poético, é nele que o poeta se sente à vontade para criar seus versos. O sertão é povoado, isso indica que há um pensamento em construção que agrupa os anseios de todos que nele habitam. Patativa mostra como é o mundo sertanejo, que elementos caracterizam esse lugar, de que beleza se constitui, que intenções passam pela memória de seu povo; para tanto, o poeta lança mão de dois códigos lingüísticos em sua poesia e nos faz conhecer o sertão por meio da linguagem matuta e da linguagem culta. Essa realidade coloca Patativa dentro de uma tradição, que começa com Catulo da Paixão Cearense e que vem passando por diferentes poetas. No sertão tudo está vivo, tudo se encontra, tudo se renova. Esse lugar permitiu ao poeta a construção de uma poesia que está comprometida com os interesses de toda uma coletividade.

A poesia de Patativa aponta para o que falta no mundo. Saber dessa ausência é algo que causa insatisfação ao poeta, então usa a poesia para expressar sua indignação diante da vida. Patativa reconstrói o mundo pelas palavras, mas sem deixar de mostrar o real, o que falta, o terrível, o assombroso. O mundo se abre pela luz dos versos. Um vácuo que se preenche pela linguagem dos sonhos, dos desejos, da esperança, da poesia. Então vemos uma renovação da vida, uma esperança no porvir, um alimento apetitoso, uma vontade de viver. É isso que sentimos quando lemos a obra de Patativa.

2 SOU FIO DAS MATA, CANTÔ DA MÃO GROSSA

Neste capítulo, será discutido a vida de Patativa do Assaré, com ênfase em sua trajetória criativa no campo da poesia. Na subseção 2.1, será analisada sua biografia e produção literária, com foco no percurso que transformou um jovem poeta em uma figura amplamente reconhecida, cuja obra reflete de maneira marcante suas raízes. Já na subseção 2.2, serão exploradas as influências dos gêneros poéticos, da cantoria e do folheto na construção e no impacto de sua produção.

2.1 Um jovem poeta: vida e obra de Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, amplamente conhecido como Patativa do Assaré, consolidou-se como uma das figuras mais proeminentes da poesia popular brasileira. Sua trajetória revela um fenômeno notável: um poeta oriundo do meio rural alcançando expressivo reconhecimento nacional e internacional, tornando-se objeto de estudos acadêmicos e investigações diversas. Com o tempo, sua obra passou a ser considerada representativa da tradição poética popular, o que elevou seu nome ao patamar de referência nesse campo. A notoriedade alcançada foi tamanha que, em determinado momento, tornou-se inviável atender à alta demanda de entrevistas por parte de jornais, revistas e pesquisadores interessados em sua produção artística e em sua história de vida.

De origem humilde e profundamente ligado ao meio rural, Patativa manteve ao longo de sua trajetória características marcantes, como autenticidade em suas ações e uma sensibilidade poética singular. Sua obra literária constitui uma reflexão crítica sobre as adversidades enfrentadas pelo homem do campo, evidenciando uma preocupação constante com questões sociais. Essa temática, de forte cunho social, assegurou ao poeta um lugar de destaque no imaginário coletivo, consolidando sua relevância como um dos maiores representantes da poesia popular brasileira.

Patativa observou o desmonte do palco que serviu para o espetáculo mais grandioso de sua vida. Presenciou todo o grande show e, ao ouvir as palmas e assobios entusiasmados, manifestou um conhecimento que sua longa trajetória apenas refinou. A lucidez nunca o deixou, ao contrário, concedeu ao poeta um senso crítico extremamente aguçado, raramente encontrado em indivíduos de sua idade.

As louvações que recebeu não ofuscaram a intensidade do olhar de Patativa sobre sua vida, “que olha a vida como realmente ela é” (Carvalho, 2002a, p.31), não era o fato de ser laureado que ele iria deixar de ser poeta da roça.

Levando em conta as experiências vividas por Patativa do Assaré e seu papel fundamental como porta-voz de uma comunidade marcada pela luta e resistência, seu nome não poderia, de forma alguma, ser esquecido. Sua trajetória, marcada pela poesia e pela defesa dos direitos do homem do campo, lhe conferiu um reconhecimento que transcendeu as barreiras sociais e intelectuais. Mesmo que o reconhecimento formal tenha ocorrido de maneira tardia, sua relevância como figura popular e intelectual foi inegável. Entre as diversas honrarias recebidas, destacam-se os títulos de Doutor Honoris Causa, concedidos pela Universidade Regional do Cariri, bem como das universidades estadual e Federal do Ceará¹. Esse título lhe causou admiração pelo fato de ser semi-analfabeto (Carvalho, 2002a). Dessa forma, Patativa representava uma forma de conhecimento que, embora não fosse reconhecida pelas formas tradicionais de ensino, tinha um valor e uma importância incomparáveis, refletindo uma sabedoria popular que ressoava nas raízes do povo.

Patativa do Assaré alcançou a glória ainda em vida, conquistando uma notoriedade que o transformou em um ícone da poesia popular brasileira. Com o crescente reconhecimento da mídia, o poeta passou a ser constantemente abordado, tornando-se uma celebridade. Sua imagem foi associada a diversos títulos, entre os quais se destacam: artista popular, maior poeta popular brasileiro, defensor das classes oprimidas, grande bardo da poesia popular, um dos maiores artífices da literatura cearense e “mito vivo” da poesia brasileira, entre outros. Ao longo de sua trajetória, recebeu uma infinidade de títulos, medalhas, troféus, diplomas e prêmios, como: Amigo da Cultura, Cidadão de Fortaleza, Cidadão Potiguar, Medalha da Abolição, Prêmio Ministério da Cultura, Medalha Francisco Gonçalves de Aguiar, Prêmio Unipaz, Troféu Sereia de Ouro, entre muitos outros.

Contudo, a consagração de Patativa não foi unânime. Embora tenha conquistado o coração de muitos, também enfrentou resistências, especialmente no meio intelectual, onde há os que consideram sua poesia como uma forma de paraliteratura. Para algumas dessas vozes críticas, Patativa não poderia ser considerado um verdadeiro poeta, o que se traduz em desprezo e na negação da

¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-03/historia-hoje-patativa-do-assare>. Acesso em 22 dez, 2024.

relevância de sua obra. Apesar de sua poesia ser amplamente reconhecida e estudada em algumas instituições acadêmicas, ainda existem aqueles que a rejeitam, minimizando seu valor literário.

Patativa, o poeta e cantor de mãos rudes, teve sua obra impressa e divulgada. Seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, foi publicado em 1956, e a emoção gerada pela publicação se repetiu com cada novo lançamento. Conforme menciona Carvalho (2002), o livro *Cante Iá que Eu Canto Cá* teve grande repercussão, estando presente em praticamente todas as livrarias. No entanto, como poeta do povo, Patativa seguiu o mesmo destino de outros grandes nomes da poesia popular, como o poeta Zé da Luz: seus versos permaneceram vivos não apenas nos livros, mas na memória do seu povo.

Mesmo sem deixar sua cidade natal, Patativa viu sua obra ser estudada além das fronteiras do Brasil. O livro *Cante Iá que Eu Canto Cá* foi analisado pelo professor francês Raymundo Cantel em seminários da Sorbonne-Nouvelle, em Paris. Além disso, o poema "Caboclo Roceiro" foi traduzido para o inglês pelo acadêmico Colin Henfrey, do Institute of Latin American Studies, da Universidade de Liverpool, na Inglaterra.

O crescente interesse pela produção poética de Patativa se refletiu em sua inclusão como objeto de estudo acadêmico, gerando teses, dissertações e publicações sobre sua obra (Andrade, 2000; Andrade, 2008; Rosa, 2022). Diversos livros, revistas, documentários e outras publicações sobre o poeta continuam a surgir, consolidando Patativa do Assaré como uma figura essencial na literatura brasileira, sendo destacado entre "Os cem melhores poetas brasileiros do século passado" (Fernandes, 2001).

2.2 Cantoria e folheto

O nosso objeto de estudo é a obra impressa de Patativa, no entanto necessitamos enfocar alguns pontos relacionados à cantoria e ao folheto, gêneros poéticos também cultivados pelo poeta e que influenciaram sobremaneira sua poesia. Qual a importância da cantoria e do cordel na obra de Patativa do Assaré? De que forma esses gêneros deixaram marcas na sua poesia?

Para Sautchuk (2012, p. 15), o termo “cantoria” refere-se ao gênero poético-musical, à situação em que é apresentada e ao campo social que envolve

cantadores e seus ouvintes. As cantorias eram caracterizadas por duelos de versos, nos quais os cantadores se tornavam figuras lendárias, conquistando, assim, um espaço nos salões da elite dos grandes centros urbanos do Nordeste (Gonçalves, 2016). Patativa do Assaré fez parte desse universo da cantoria, atendendo não apenas aos convites para festas de casamento e aniversário, mas também participando de eventos e festivais em cidades do interior do Ceará, como Assaré, Iguatu, Mombaça, entre outras.

Através da cantoria, Patativa expressou a vida de seu povo, suas dificuldades, costumes, crenças, desejos e incertezas. Seus versos eram cuidadosamente elaborados, com a mesma dedicação e atenção que um agricultor dedica ao cultivo de milho e feijão. Embora fincado no mundo rural, Patativa, como outros cantadores, se tornou um verdadeiro porta-voz da cultura nordestina, transmitindo por meio da poesia o espírito e as particularidades da vida sertaneja.

Patativa cantou ao lado de figuras renomadas da cantoria, como Andorinha, violeiro da Serra do Quincuncá, e Miguel, filho de Manoel Passarinho. Foi parceiro de João Alexandre, natural de São João de Ipanema, hoje Ouro Branco, e cantou também com Anacleto Dias, Miceno Pereira, Lourival Batista, Otacílio Batista, entre outros. Sempre disposto e bem trajado, com a viola em punho, Patativa saía no lombo do cavalo para atender aos convites, transmitindo vigor e empolgação em suas apresentações, com sua voz afiada, preparada para a performance.

Contudo, após algum tempo, Patativa decidiu se afastar da cantoria. Em seus próprios versos, ele expressa a decisão: "minha viola querida, / certa vez, na minha vida, / de alma triste e dolorida / resolvi te abandonar" (Assaré, 1992, p. 286). Embora gostasse da prática, ele preferia recitar poemas a cantar. Em entrevista, revelou: "Onde eu cantava ao som da viola, eu também naquele espaço ia recitar poema. Aí eu pude observar que na cidade o povo gostava muito mais de me ouvir recitando do que qualquer cantador cantando" (Carvalho, 2002a, p. 48). Isso teria sido, possivelmente, um dos motivos que o levaram a abandonar a cantoria.

Além disso, Patativa nunca considerou a música como uma profissão. Ele afirmava: "Eu sempre num fazia profissão, eu digo: 'Sabe duma coisa, o que eu sou é um agricultor. Vivo é de minha roça. Eu num vou mais cantar ao som da viola não!' Aí deihei. Nunca mais cantei" (Carvalho, 2002a). Mesmo após abandonar a cantoria, ainda era convidado para festivais de poesia, onde declamava seus poemas. No entanto, muitas vezes, ele terminava cantando, mesmo sem grande entusiasmo, em

virtude de pedidos de amigos, como Lourival Batista, que insistia para que ele cantasse alguns versos.

Ele quando me encontrava num desses festivais, pegava a viola dum camarada e dizia: “Ó, Patativa, cê vai cantar um baião de viola comigo”. Eu digo: “Mas, Lourival, eu num já disse que cantava”. “Não mais tem nada! Só aqui um baião de viola.” Peguei a viola e disse bem assim: “Vou fazer o teu pedido / porque sou amigo teu. / E satisfazendo ao povo / que aqui apareceu / e em honra dos oito filhos / que a D. Helena te deu”. E ele replicou bem ligeiro: “Sei que isso aconteceu / mas você não falou bem. / Se ela me deu oito filhos/ eu dei a ela também. / Se ela me deu, dei a ela, / não devo nada a ninguém! (Carvalho, 2002a, p.49).

Embora Patativa tenha decidido deixar a cantoria, este gênero poético-musical nunca o abandonou, pois as marcas desse ofício permaneceram profundamente entrelaçadas à sua obra. A agilidade do improviso, o ritmo pulsante, a liberdade de transitar entre diferentes formas de expressão e, sobretudo, a força de sua voz, que se manteve como um elemento fundamental da poética, continuaram presentes nas suas composições, mesmo na sua produção escrita. Sua memória excepcional, sempre afiada e disponível para a criação, possibilitou-lhe armazenar e reinventar versos a partir de sua vivência cotidiana.

A prática da cantoria, com suas dinâmicas de glosa e improvisação, se refletia de forma intensa nos motes que Patativa criava e recitava, seja sozinho, seja acompanhado de seu sobrinho Geraldo Gonçalves, na Serra de Santana. A poesia de Patativa, embora registrada na escrita, jamais perdeu sua essência oral, mantendo-se fiel à tradição popular nordestina da qual fazia parte, uma tradição que permanece viva até hoje. A transição entre a oralidade e a escrita não comprometeu o caráter autêntico de sua obra, que continuou a ser uma manifestação de uma cultura enraizada no povo e nos modos de vida simples e profundos da zona rural. Mesmo afastado dos palcos, Patativa continuou a carregar consigo a prática da cantoria, que o guiava e o inspirava, perpetuando, assim, o vínculo entre a oralidade e a escrita em sua poesia. Sua produção continuou a se nutrir dessa tradição, tornando-se um elo indissolúvel entre a palavra falada e a palavra escrita, que ainda ecoa nas vozes do povo, garantindo sua permanência e relevância na memória coletiva:

Seu dotô pede que eu cante Coisa da filosofia;

Escute que eu vou agora Cantá tudo em carretia; O senhô pode escutá,

Que se as corda não quebrá, Nem fartá minha cachola,

Eu lhe atendo num instante:

Nada existe que eu num cante

Nas corda desta viola (Assaré, 2003, p.95)

A poesia de Patativa é essencialmente voz. “Seu dotô pede que eu cante” - nesse verso, o matuto, ao cantar, convoca o outro a ouvi-lo, chamando a atenção do interlocutor e supondo que ele esteja receptivo ao seu canto. A voz se manifesta como ação, expressa nos verbos “cantar, escutar, atender num instante”, marcando uma atitude de insistência e presença, determinada pelo movimento das palavras e das ações. A voz de Patativa é uma voz que não cessa, que insiste em cantar e fazer-se ouvir: “escute que eu vou agora / cantá tudo em carretia”. Essa voz, que se faz ouvir de forma intensa e direta, revela a habilidade do poeta em manipular as palavras com rapidez e destreza, criando e cantando de forma fluida e sem hesitação. “Eu lhe atendo num instante” reforça a ideia de que a presença do outro é imediata e impregnada pela força da voz, que captura o ouvinte, prendendo-o em seu ritmo e poder de comunicação.

A memória é frequentemente evocada, juntamente com a referência à viola, mantendo uma continuidade que se manifesta sem interrupção, sem demora ou falhas. Dessa forma, a poesia de Patativa preserva seu caráter profundamente oral, ainda que se transite da oralidade para a escrita. O poeta nos provoca a refletir sobre como a oralidade persiste em sua produção, mesmo após a transição para o registro escrito. Patativa traz à tona as formas tradicionais da poesia popular, mostrando como a poética da voz permanece viva e vibrante. Ele percorre as cidades, animando festas com sua viola, um hábito que remonta aos jograis populares e palacianos que, no passado, alegravam as feiras e as multidões com suas músicas e versos.

3. PRA TODA PARTE QUE EU ÓIO VEJO UM VERSO SE BULÍ

Neste capítulo, será analisada a construção da poesia de Patativa do Assaré, seu processo criativo e aspectos de sua trajetória de vida. Na subseção 3.1, será esclarecida a relação entre a natureza e a cultura no processo de criação de suas obras. Na subseção 3.2, dá-se continuidade à discussão sobre a cultura, com ênfase na sua manifestação por meio da linguagem.

3.1 Natureza e cultura

O cenário está constantemente preparado, belo e imerso na naturalidade. A poesia se encontra em todos os lugares, sendo necessário apenas atentar-se ao ambiente e observar o mundo ao redor. Um poema que beira o onírico, como na expressão "Pra toda parte que eu óio vejo um verso se buli", revela, de maneira ainda mais vívida, versos que se movem, respiram e exalam. Trata-se de uma poesia gerada por meio do olhar, da observação, sendo construída a partir de trajetórias visuais. Patativa percebe versos em todos os cantos, articulando uma ideia universal e uma poesia de amplitude extensa.

Algumas coisas nos chamam atenção sobre a criação poética de Patativa: A forma de criar e a capacidade de memorização. Patativa sai de madrugada, com chapéu de palha e segurando grossos cabos de ferramentas nas mãos, para lavrar a terra, tarefa que faz parte de sua obra poética porque é no meio do campo, junto à natureza, criou versos e os guardou na memória, “porque eu fazia não era escrevendo. Todo meu poema eu só fiz assim, retido na memória” (Feitosa *et al.*, 2001, p.40).

A vida de Patativa foi de trabalho e poesia, buscava na incansável rotina o prazer de viver e de fazer versos. Simples acontecimentos da vida comum, situações corriqueiras do dia-a-dia, coisas pequenas eram transformadas em poesia. Em plena atividade braçal, respingando o suor quente do sertão, lá estava o poeta sozinho, fazendo versos. Atividade que surpreendia algumas pessoas que passavam por perto de sua roça, por ouvir o poeta bodejando versos, atitude que faz parte do processo criativo, no entanto, muitos acreditavam ser atitude de um doido. Simplesmente algo inesperado, considerando o espaço e a forma de criar. É

justamente isso que faz sua poesia ser fascinante, de natureza oral, em que a voz torna-se força constitutiva, elemento preponderante de sua poética.

Quando sua poesia chegou a livro, o poeta camponês não conseguiu esconder sua satisfação. Ele não desperdiçou tempo e assim como muitos poetas populares, ele saiu no lombo do cavalo, vendendo seus livros, “eu ia era... era num animal, com duas malas, uma dum lado e outra do outro, pra trazer livro” (Carvalho, 2002a, p.66). O poeta carregava livros nas malas feitas de couro cru, que serviam unicamente para transportar legumes, rapaduras, farinha, açúcar, entre outros produtos alimentícios, mas que agora serviam também para carregar livros.

Em Patativa, há uma integração entre natureza e cultura porque ele fala daquilo que vive e do que sente, não há como separá-las, pois sua poesia está sintonizada com seu povo e ligada a terra. Sua poesia está entre a natureza, contendo os mesmos elementos de sua matéria. Lembremos de que era um animal que transportava os livros do Crato até Assaré – malas cheias de livros. Animal que se submetia às atividades mais grosseiras, passava então a carregar no seu lombo livros.

A conciliação entre natureza e cultura não aconteceu de forma forçada, porque foi a poesia que favoreceu o encontro entre esses dois mundos, que permitiu o equilíbrio, que apontou para a convergência sem causar nenhum desgaste. Essa relação é resultante do processo de criação de Patativa. Tudo foi acontecendo pela disposição natural das coisas, pela forma como a poesia ia nascendo.

Entre um manejar e outro da enxada, os versos surgiam, havendo ali uma sintonia entre os dois fazeres. A força telúrica e a força poética se entrelaçaram e o que resultou disso foi uma poesia integrada, renovada e voltada para a vida do outro, independente do tempo, do espaço ou de qualquer outra coisa. Ela não poderia ser diferente, é fruto da natureza. Segundo Gilmar de Carvalho (2002b, p. 58) “natureza e cultura que se imbricam porque não se pode delimitar o que seria natureza e o que seria cultura, como uma figura saída do grotesco”.

Outro fato que nos surpreende é o uso da linguagem. Ele utiliza a linguagem matuta e a linguagem padrão da norma culta com a mesma facilidade. O uso da linguagem matuta parece ser uma forma de melhor caracterizar o sertanejo numa definição que mergulha na condição do mesmo. Patativa se inclui na mesma categoria de alguns poetas que utilizam a linguagem matuta e a norma culta, como Zé da Luz e Catulo da Paixão Cearense.

3.2 Cultura manifestada por meio da língua

Segundo Bandeira (1979, p.11) “Catulo foi, se não me engano, o criador da categoria, e o seu mais exímio representante”. É da poesia matuta que Patativa gosta, pois soube refletir o espírito do homem do campo. A escolha pela linguagem matuta não desmerece o valor de seu canto, não desqualifica sua poesia, pelo contrário, o faz ser a voz de sua gente, cantando as coisas simples de seu meio, tendo um estilo que consegue expressar sua sensibilidade.

O professor Luís Tavares Júnior (*apud* Assaré, 1999, p. 06) escreve:

Fenômeno da poesia popular, Patativa do Assaré é senhor de seu ofício, utilizando-se de uma linguagem dupla, ora de vocabulário e sintaxe do sertanejo nordestino, ora de uma lexicologia e de construções fraseológicas talhadas nos limites da linguagem padrão. Seus analistas são unâimes em realçar sua maestria no uso da linguagem, para o rústico, o popular, o dialetal, por mais conforme, adequada aos fins de sua expressão de poeta do povo, poeta caboclo, que, por vezes, se utiliza do português padrão, como a insinuar que sua opção pela linguagem cabocla é fruto de deliberada vontade, por total integração com sua terra, sua gente e não por desconhecimento dos códigos letRADOS.

Sua criatividade é que decide o tipo de linguagem a ser usada. Quando fala sobre a vida do sertanejo, ele necessita de algo mais concreto, visível, que possa demonstrar a verdadeira situação de seu povo, então utiliza propositalmente a linguagem matuta. As descrições são de um realismo comovente, numa linguagem que aproxima o ouvinte ou leitor das coisas do sertão. É incrível, como cada palavra citada mexe com o ouvinte, principalmente aqueles que compartilham da mesma cultura, vendo ali que sua “forma de falar” também é arte, é uma representação, e sem dúvidas não é motivo para ter vergonha, mas sim orgulho, e muito, pois não existe uma forma errada de falar.

Patativa é fiel ao pobre camponês, por de fato ser um, não só na revelação dos acontecimentos, como também na linguagem, linguagem essa que é característica de sua regionalidade, e diz: rocêro, borsó, dinhêro, fôia, comê, famia. Ele utiliza a uma linguagem que expressa a oralidade própria do nordestino. Os versos eram criados na memória e depois transcritos para o papel, pelo próprio poeta ou por outra pessoa. Isso mostra que algumas palavras poderiam ser grafadas diferentemente, de acordo com o que se ouvia. Qual seria a intenção de Patativa ao

usar a linguagem matuta, uma vez que a maioria dos poetas populares - como Expedito Sebastião da Silva que revisava os textos dos poetas na tipografia Lira Nordestina em Juazeiro do Norte, que era artesão/artista no dizer de Martine Kunz - e mesmo aqueles semi-analfabetos, se esforçam na utilização correta da língua? Seria a linguagem matuta a forma de o poeta representar seu povo? Talvez sim e ele sabe qual o momento certo de utilizar esse tipo de linguagem.

Quando é... essas sátiras eu sempre escrevo mais na linguagem matuta, esses poemas, tudo, a questão é o pensamento, é a criatividade, viu? Não é a facilidade. Pra mim, tanto faz. Se houver decassílabo, em linguagem certa, como essa poesia matuta, não há dificuldade para mim. Tanto faz um como outro, viu? (Carvalho, 2002a, p.46).

O primeiro poema que fez em linguagem matuta foi “Maria Gulora”, expressando sobremaneira a forma de viver, de pensar, de sentir de um povo, “o primeiro poema que eu fiz em linguagem matuta é esse aqui, “Maria Gulora” (op. cit., p.42). O matuto fala de um passado, de uma “sodade tirana” ao ver a “casa que tu morou, / quando nósis era inocente”. O matuto tomado de emoção, chama Maria Gulora para contar “uma recordação”. Vejamos o poema “Maria Gulora”.

Vem cá, Maria Gulora,
Escuta, que eu vou agora
Uma coisa te contá.
É uma recordação Dos
dia das ilusão Que faz a
gente chorá.

Eu antonte andei na
Vage, Não morri, mas
porém quage Enlouqueço,
de repente, Quando meus
óio avistou
As casa que tu morou,
Quando nósis era inocente.

Senti aguda lembrança
Do tempo da nossa
infância De tanta
vadiação.
Que brinquedinho colosso
A nossa vaquinha de osso
Amarraada num cordão!

Au fiquei em desatino
Que parecia um menino
Pisando em riba de brasa;
Inté parece que eu via

Você, querida Maria,
Lá da janela da casa.

Era ali que eu mais você
Brincava de se escondê
Por debaxo do jirau;
Era ali que o dia intêro Eu
corria nos terrêro Em meu
cabalo de pau.

Quando a noite começava,
Que a lua quiliariava,
Que brinquedinhos de
amô! E quando chegava o
dia Nóis dois juntinho
corria Pros cantêro de
fulô.

Arrodiei a carçada
Já véia e desmantelada;
Entonce eu pensei ali Inté
na rede de chita
De tua boneca Rita
Na sombra do tamburi.

Entrei na véia chupana,
Com a sodade tirana
E o coração a batê; Senti
tão grande afrição,
Que me abracei cum pilão,
Pensando que era você
(Assaré, 2003, p.69).

A poesia de Patativa fala ao outro, “Vem cá, Maria Gulora”, verso que indica chamamento, que solicita a presença de alguém. A expressão “Vem cá” mostra que há uma relação próxima entre o matuto e seu interlocutor. O matuto ao ver a casa que ela morou, sentiu recordação do brinquedinho colosso – “uma vaquinha de osso”, das brincadeiras de esconde-esconde, das corridas no cavalo de pau “pros canteros de fulô”. “Senti tão grande aflição, / que me abracei cum pilão, / pensando que era você”. Quem fala, geralmente, através do poema matuto é o caboclo. Patativa fala sobre o caboclo e também o deixa falar. Isso acontece porque o caboclo simboliza o próprio sertão e é essa certeza que o poeta quer retratar.

3.3 Oralidade

A obra de Patativa chega a livro. “Inspiração Nordestina” foi seu primeiro livro

publicado em 1956.

Meu livro foi um sonho realizado. Eu recitava poemas na rádio Araripe, do Crato, quando o doutor José Arraes de Alencar perguntou: ‘quem recita essas maravilhas?’ Mandou me chamar e perguntou por que eu não publicava. Eu disse: “eu sou um agricultor muito pobre”. Ele disse: “você está tratando com gente amiga”. Assim nasceu o Inspiração Nordestina (Carvalho, 2002a, p.63).

Os poemas que compõem seu primeiro livro foram transcritos por Moacir Mota, filho do folclorista Leonardo Mota. Os versos saíam diretamente da memória para o papel.

O segundo livro “Cante lá que eu canto cá”, foi editado pela Vozes, em 1978, com ajuda do professor Plácido Cidade Nuvens. Depois vieram os outros, “Ispinho e fulô” (1988), “Aqui tem coisa” (1994), “Cordéis” (1999), “Balceiro 1” (1991) e “Balceiro 2” (2001), assegurando permanência e maior difusão da sua obra. O suporte da escrita não interfere na gênese da obra. Além disso, é uma poesia feita para ser dita. Veremos que toda sua trajetória poética está permeada de elementos orais.

A oralidade se faz presente em sua produção poética mesmo quando chega a livro. Não é a letra que vai abrir caminhos para uma poesia construída na natureza

- pois ele nem sabia onde as letras moravam -, mas a voz com um canto vigoroso e envolvente. A voz ocupa um papel importante no processo de criação da poesia de Patativa do Assaré, assumindo um fazer que se torna em apelo poético. A voz sai de um lugar interior para se tornar presença, para se fazer palavra ouvida, para se integrar ao pensamento e à expressão. Voz que se propõe à harmonia, que incorpora o outro, que invade o ouvinte, colocando-se no centro das experiências e da consciência do poeta, “a palavra falada agrupa os seres humanos de forma coesa” (Walter Ong, 1998, p.88).

A interioridade da voz aproxima o homem ao ser poético, apresentando um sentido unificador, um desejo de se colocar junto ao outro. A poesia de Patativa se constrói pela força da voz que se faz ouvir, imediatamente, de qualquer direção. Segundo Walter Ong, (1998, p. 89) “a palavra falada é sempre um acontecimento, um movimento no tempo, completamente desprovido do repouso coisificante da palavra escrita ou impressa”. Essa ideia de escrita coisificante de que fala Walter Ong e que também se encontra em Platão, remete à permanência da escrita e a ideia de uma voz ressoante que é o lugar e o tempo da poesia. É para essa voz que nos direcionaremos.

Patativa foi criado dentro de um universo oral, ouvindo histórias contadas por sua mãe e seus irmãos, as quadras que o pai improvisava, e não devemos esquecer que foi ao ouvir um folheto que Patativa sentiu a poesia nascer dentro de si, permitindo-lhe adentrar no mundo da oralidade. Aprendeu a fazer versos de uma forma impressionante, dispensando lápis, papel e borracha. Tudo que Patativa diz brota poesia, algo admirável numa pessoa que teve uma rápida passagem pela escola, contudo garante “sê fié / e não istruí papé / com poesia sem rima” (1992, p. 18). A oralidade em Patativa está presente nas fontes, na transmissão e na memória dos versos. A nossa intenção é mostrar que a oralidade está no pensar, no criar, na forma de memorizar, de dizer, no tipo de linguagem, na temática, como marca de força poética. Zumthor (1997, p. 11) nos chama atenção para “a falta de uma poética da oralidade (...) para o estudo da poesia oral falta-lhe uma base teórica”.

Percebemos através da afirmação acima citada que a oralidade não é estudada como categoria formalizada nos estudos literários, o que prevalece é a estética da escrita, no entanto, não devemos colocá-la num nível inferior, significando analfabetismo ou exclusão da escrita. A oralidade tem estrutura gramatical, regras sintáticas, vocabulário, estratégias discursivas, enfim, apresenta um estilo que serve de base para a comunicação. Portanto, precisamos analisá-la como elemento a ser estudado tanto quanto a escrita, observando o emprego e as estratégias de expressão que a oralidade comporta. Zumthor (1997, p. 148) afirma que o traço definidor da poesia oral é “a recorrência de diversos elementos textuais”, o que inclui fórmulas repetições, procedimentos ligados à oralidade. Há vários tipos de oralidade que se manifestam de forma diversificada, de acordo com as estruturas de cada poesia e o que nos interessa aqui é saber que tipo de oralidade sobrevive na obra de Patativa.

A oralidade convive com a escritura, no entanto, apresenta traços e valores que lhe são peculiares. Zumthor (1997, p. 36) declara que “a oralidade não se define por subtração de certos caracteres da escrita, da mesma forma que esta não se reduz a uma transposição daquela”. Ela tem uma convivência harmoniosa com a escrita, uma não aniquila a outra, mas se interpenetram. Não devemos analisar oralidade e escritura como dois universos antagônicos, mas compreendermos que há, certamente, graus de aproximação entre ambas, fazendo com que coexistam, se completem, dando um redimensionamento ao fazer poético.

4. MEU VERSO TEM O CHÊRO DA POÊRA DO SERTÃO

Neste capítulo será analisado a memória, o principal meio utilizado pelo poeta Patativa para a criação de suas obras. No subtítulo 4.1, é explicado como ele recorria à imaginação, à memória e à voz, para a criação de suas obras. Na sequência, subtítulo 4.2, é relatado sobre a linguagem do sertão, e discorre sobre os dois registros linguísticos que ele utilizava, a linguagem culta e a matuta, e no último subtítulo, 4.3, é descrito um pouco sobre o sertão de poesia, o lugar do seu fazer poético.

4.1 Memória

A memória ocupa uma posição central no grande sistema da retórica, sendo a quinta operação após a *inventio* (encontrar o que dizer), a *dispositio* (organizar o que foi encontrado), a *elocutio* (embelezar com palavras e figuras), e a *actio* (interpretar o discurso com gestos e dicção). Segundo Le Goff (1984, p. 441-442), a memória, entendida como *memoriae mandare* (recorrer à memória), não é apenas o ato de lembrar, mas também de manter e recuperar informações de forma eficaz. É nesse campo que a criação de Patativa se fundamenta, envolvendo a interação entre imaginação, memória e voz.

A memória para Patativa é mais do que um repositório de lembranças: é um espaço ativo de criação e recriação. Ele utiliza a memória como uma propriedade do saber, um lugar onde suas reminiscências se transformam em matéria-prima para a poesia. Além disso, ela é o instrumento que conserva os versos, permitindo que eles sejam guardados e revisitados quando necessário. Essa relação entre o poeta e sua memória transcende o mero ato de lembrar, constituindo um mecanismo de confiança e liberdade que era essencial para sua prática criativa.

A memória também opera como um território de convergência entre o passado e o presente, onde tradições, experiências e reflexões se entrelaçam para dar forma a novos significados. No caso de Patativa, ela se revela como uma ferramenta indispensável na organização e manutenção de seus poemas. É fascinante pensar como essa relação com a memória funcionava, considerando que ele era capaz de criar e preservar versos inteiros sem a dependência da escrita formal. Essa confiança na memória – tanto como um espaço pessoal de invenção

quanto como um meio de comunicação com o público – evidencia uma liberdade criativa que reforça sua autenticidade enquanto poeta.

Explorar a memória de Patativa é compreender como ela foi usada para articular saberes e sentimentos, permitindo que sua poesia mantivesse uma conexão viva com as experiências do sertão. Seu processo de criação não se restringia a uma simples evocação do que já havia vivido, mas envolvia uma reinterpretação constante, em que o passado era atualizado e enriquecido para dialogar com seu presente. Assim, a memória se torna não apenas um registro, mas um verdadeiro alicerce da sua arte, conferindo-lhe uma vitalidade única e inesgotável.

Eu tenho uma memória, modéstia à parte, é uma coisa quase como que rara, porque eu nunca encontrei quem tivesse a memória o quanto eu tenho... Eu tenho o pensamento fácil em todos os sentidos, sempre tive, viu? Aí, então, eu depois que pensava assim, aí eu ia apresentar o poema. Fazia na minha mente, pensava a história, aquele quadro aí, ia contar ele todo em verso, bem, com toda espontaneidade, com toda graça, coisa assim, mas coisa que valesse. Pensava a história na mente, depois era que eu ia passar pro papel. E às vezes eu pensava na mente primeiro o quadro, aquilo... o esboço, vamos dizer... (Carvalho, 2002a, p.55).

Patativa tem uma memória privilegiada, “pensava a história na mente, depois era que eu ia passar pro papel”. Uma memória que está pronta para agir, que se enriquece pela flexibilidade, pela criatividade, pela segurança nas ideias, mantendo-se aberta, vigorosa e comunicativa.

A criação de sua poesia passou longe da escrita, processo que ele só foi recorrer mais tarde, não porque sua memória fosse frágil, mas como forma de ultrapassar o tempo e de garantir maior difusão. Como funciona a memória de Patativa do Assaré? Não é apenas um reservatório onde guarda os versos, mas um universo rico de palavras, símbolos, imagens que se combinam com os elementos da natureza. Portelli (1997, p. 16) explica que “se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”. A memória de Patativa dever ser compreendida como um processo cultural sendo refeito a todo instante, cujo sentido está na dinamicidade das imagens criadas para serem transformadas em poesia.

4.2 A linguagem do sertão

Patativa do Assaré cria sua poesia utilizando dois registro linguístico como já foi comentado: a linguagem culta e a matuta. Fato que não é muito comum, apesar de haver alguns poetas que adotem as duas formas de linguagem. Quando diz que “do jeito que eu faço essa poesia, esse soneto e muitos outros que eu tenho, num mesmo instante eu faço a poesia matuta” (Carvalho, 2002a, p.45), ele mostra domínio dos dois registros, no entanto, não deixa claro que critérios determinam sua escolha.

O que determina o uso desses códigos não é a temática, pois continua a mesma seja qual for a linguagem usada; não é o público leitor, pois quem lê a obra de Patativa, lê a poesia culta e a matuta. Os dois registros linguísticos fazem parte do seu processo de criação, mas o que impulsiona o poeta a decidir o tipo de linguagem? Podemos pensar na expressão do talento versátil do poeta, na presença significativa da oralidade e também como recurso estilístico de sua poesia, fazendo, assim, o poeta pertencer a uma tradição.

A facilidade no uso da linguagem, seja matuta ou culta, é fruto de seu talento. Lembramos aqui de Mário de Andrade (1975, p. 14) quando diz que a técnica de fazer obras de arte é composta de três etapas, “o artesanato, que é o aprendizado do material com que se faz a obra; a outra é a virtuosidade, o conhecimento e prática das diversas técnicas históricas da arte; e finalmente a solução pessoal do artista no fazer a obra de arte”. Patativa conhecia o material de sua criação, tinha domínio das técnicas pelo exercício, sabia manipular os recursos da linguagem mesmo sem ter tido uma aprendizagem formal, tinha técnica pessoal e virtuosidade.

As muitas leituras que o poeta fez, lhe permitiram o conhecimento da linguagem culta, portanto, o livro foi o instrumento fundamental para o enriquecimento de seu saber, de suas ideias e para o domínio desse código.

Agora eu fui me valer do livro. Que não era o livro didático não. Eu não queria saber de categorias não. Queria saber de outras coisas. (...) Agora, com essa prática de ler eu pude obter tudo, viu? Eu aprendi lendo. Com a prática de ler a gente vai descobrindo e sabe que nem pode dizer: tu sois e nós é. Eu aprendi com a prática” (Feitosa et al., 2001, p. 17).

Patativa aprimorou os recursos da língua escrita - preceitos, normas, regras, as teorias relacionadas ao verso, à métrica, à rima da poesia, com a prática da leitura.

Foi se aperfeiçoando no Tratado de Versificação e se aprofundando gramaticalmente no livro “Português Prático”, livros que ganhou de presente (Carvalho, 2002a, p.90). Ficamos pensando como deve ter sido o processo de assimilação da linguagem feita pelo poeta agricultor com rápida passagem pela escola e que descobriu pela leitura uma outra forma de dizer as coisas. O aprender e o fazer em Patativa eram práticas que aconteciam simultaneamente e com isso ele ia adquirindo experiência criativa, disciplina, equilíbrio, gosto.

O poeta chega ao discernimento das coisas, às regras da composição e à elaboração de seu discurso poético lendo e praticando. Ele percebeu que na linguagem culta não podia dizer “tu sois e nós é”, portanto, aprendeu os usos linguísticos da norma culta da língua pela leitura. Vejamos a seguinte estrofe que pertence ao poema “Ser feliz”:

Nunca descreve a verdade
Quem diz que a felicidade
Vive lá pela cidade,
Entre as galas do salão.
Ela reina soberana
É dentro de uma choupana,
Ao lado de uma serrana
Que sabe mexer pirão (Assaré, 2003, p.213).

Esse poema, por exemplo, não está em linguagem matuta; não estamos diante de um código que expressa a forma de falar matuta. O poema segue um outro tipo de linguagem e algumas regras próprias da norma culta, no entanto, percebemos, também, a forte presença dos elementos orais, como a voz, “quem diz que a felicidade”, alguém fala algo para o outro, convida-o e espera sua resposta.

O espaço também é revelador de oralidade “é dentro de uma choupana”. A temática, a voz, o espaço, o público revelam o mundo da oralidade. As palavras denunciam o contexto em que estão inseridas, os verbos ‘descrever’, ‘diz’ evocam a voz, a temática confirma a presença dos elementos orais e o ambiente favorece os impulsos da voz, dos gestos, dos olhares.

Verificamos que o uso língua escrita não ofusca os aspectos orais presentes num texto poético, evidentemente, que em algumas ocasiões a oralidade possa vir numa forma latente, num nível de expressão menos acentuado, mas que ela “aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem” (Zumthor, 1997, p. 27).

4.3 Um sertão de poesia

Muitas coisas podemos observar no sertão de Patativa, como a natureza e cultura, a dimensão social, a beleza e a linguagem. Para falar do sertão o poeta utiliza, entre outras expressões, um pedacinho de chão, uma terra amada, um paraíso, um lugar afável, um torrão abençoado. É esse lugar que iremos adentrar, é o livro da natureza que agora iremos ler. Um sertão cantado de dentro, observado pelo olhar perspicaz de quem está sempre a espreita. Um movimento sequer e a poesia nasce. E nasce vigorosa, cheia de vitalidade porque se endereça ao outro. Corre nas artérias desse sertão de beleza e de sofrimento uma poesia que tem a intenção de incluir todos num mesmo patamar. Veremos que é esse o sentido maior da poesia de Patativa, uma poesia feita para todos, uma voz que vibra em nome do outro, numa linguagem que caracteriza o sertão.

Um lugar surpreendente pelas belezas e pelas calamidades naturais. Sem mais demora entremos no sertão de Patativa e conheçamos os elementos que caracterizam esse lugar onde sua poesia fez morada.

No sertão de Patativa há o entrelaçamento entre natureza e cultura, que aconteceu por meio da poesia, pois a natureza abriu espaço e também permitiu ao poeta a criação de seus versos. Essa união está associada ao seu fazer poético, a duas atividades que aconteciam ao mesmo tempo, que se misturavam, que se alimentavam uma da outra. A integração entre natureza e cultura é compreendida pela forma de viver do poeta de Assaré. Um Patativa que cultivava a terra e a poesia, em um processo único, simultâneo, imediato, um envolvimento de corpo e mente. Todo o material de sua poesia estava na natureza, o cheiro do verso tinha “o chêro da poêra do sertão” (Assaré, 1992, p.19), não há como fazer a separação entre esses dois universos, qualquer tentativa se esvaziaria, porque o pensamento de Patativa já é poesia.

O fato de o sertão ser o lugar do fazer poético, deve ter sido a razão principal de o poeta nutrir sentimentos tão fortes e verdadeiros e de se sentir ligado a ele. Relação essa que faz com que natureza e cultura não se separem, acrescida ainda da condição de poeta agricultor, que vê no sertão um campo poético de conhecimento, beleza, amor e outros sentimentos que fortalecem e estimulam a poesia a ser da natureza.

Ah! O sertão é... O sertão é a riqueza natural que nós temos, não é? É o ponto melhor da vida, para quem sabe ver é o sertão, pois ali está tudo o que a natureza cria, tudo que é belo, que é bom, que é puro, nós temos pelo sertão, não é? Principalmente a passarada cantando, não é? É, justamente (Feitosa et al., 2001, p. 21).

Patativa nos faz ver que no sertão há muitas riquezas “tudo que é belo, que é bom, que é puro, nós temos pelo sertão”, a bondade, a beleza e a pureza são conceitos que estão associados ao valor moral. O poeta considera esse lugar um espaço divino, “ali está tudo o que a natureza cria”, inclusive sua poesia. Mas ele não quer somente mostrar isso, há uma intenção muito maior, que é a possibilidade de fazer com que o homem sertanejo acorde para reivindicar seus direitos e tenha consciência de sua cidadania, “natureza e social se fundem porque para Patativa são uma mesma manifestação” (Carvalho, 2002b, p. 59).

O sertão não é apenas o lugar do fazer poético de Patativa, mas é também um palco de lutas pela sobrevivência, pelos direitos, pela reforma agrária; “o sertão de Patativa é trabalho e luta” no dizer de Carvalho (2002b, p. 102). Rostos sofridos que vagam pelo mundo afora em busca de sobrevivência, cansados de ter “armoço de feijão e a janta de mucunzá” (ASSARÉ, 1992, p.26). Mas esse sertão também é poesia, “Que prazer! Que grande gozo, / Que bela e doce emoção, / Ouvir o canto saudoso / Do gallo do meu sertão, / Na risonha madrugada / De uma noite enluarada!” (*id.*, 1992, p. 235).

O poeta roceiro sabe cantar o sertão com suas belezas naturais, dizendo:

Meu sertão das vaquejadas,
Das festas de apartação,
Das alegres luaradas,
Das debulhas de feijão,
Das danças de S. Gonçalo,
Das corridas de cavalo
Das caçadas de tatu (op. cit., p. 233).

Um sertão festivo, atraente, cheio de empolgação, onde nem tudo continua a ser cultivado, “já hoje não tem mais o que eu digo aí, mas já houve, aí eu retrato. Lá na Serra de Santana tinha muita festa de São João, em toda parte, em toda parte” Feitosa et al., 2001, p. 67). Muitas brincadeiras sertanejas tomaram novas formas, outras ficaram pelo meio do caminho, fazendo parte das reminiscências de algumas pessoas. Patativa canta o que vive, o que vê, “cantei sempre e hei de cantar / o que meu coração sente” (*id.*, p. 235): o ladear do cão amigo, o aboio do vaqueiro, as danças e as brincadeiras nas fogueiras de S. João, o canto saudoso do gallo, as

rezas, os sonhos dos sertanejos, o inverno, a lavoura, fome, doenças, seca e dor. Ele conhece o sertão “em carne e osso” (*ibid*, p.237), manifestando dessa forma autoridade por relevar conhecimento do meio onde viveu, portanto, é que cantou as “coisas rudes e belas do sertão” (*ibid*).

Quais são as belezas do sertão de Patativa? Ele via determinadas coisas que nós não conseguimos ver, nem perceber e nem tampouco saber suas utilidades. Não se tratava de um lugar qualquer, do qual se poderia dizer qualquer coisa. Vejamos os seguintes versos:

Sertão, arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô
Pruquê, meu torrão amado
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistério
Ninguém sabe decifrá
A tua beleza é tanta
Que o poeta canta, canta
E inda fica o que cantá (Assaré, 1992, p.21).

A beleza do sertão é de tal forma que o poeta sempre encontra o que cantar. Como falar dos teus mistérios, das tuas noites de luar, da brisa que “assopra manêra fazendo cosca na mata” (*id.*, p.22), e do encantamento “das festa do mês de maio e das festa de S. João” (*id.*, p.24), se não tiver longa vivência e devotamento por esse lugar? Patativa diz com total convicção que “a gente sê sertanejo é um dos maió prazê”.

Percebemos que a poesia de Patativa emerge de um lugar interior, de um acontecimento que se produz num cenário tipicamente natural e que vai ocupando tempo e espaço. É uma poesia da voz, poesia feita para ser dita, ouvida, e embora depois tenha sido escrita, nem por isso deixou de ser voz. Sua poesia não é de natureza fixa, jamais poderia ficar presa ao papel. Não foi pela escrita que ela surgiu, sabemos bem disso, foi criada na memória. Evidentemente que o traço constante dessa poesia é a recorrência da voz, que se escuta ao longe, que vence pela insistência de querer ser ouvida.

Natureza, imaginação, memória, voz, corpo são elementos que fazem parte do processo de criação de Patativa. Seu pensar estava relacionado ao fazer, algo que acontecia de forma imediata, sem espera, sem precisar de anotações, sem deixar para depois.

Sua forma de criar resultou numa poesia vigorosa, resistente, aberta. É uma poesia que se importa com o outro, que está em diálogo permanente com a vida, que faz o homem interagir com o meio em que vive. Os versos eram criados e guardados na memória, a imaginação os alimentava, a voz os transmitia. Memória vista como forma de saber, como espaço de criação e como capacidade de guardar os versos. A imaginação era criadora, fértil, rápida e estava fundamentada na visão. Bastava o poeta olhar ao seu redor que a imaginação começava a produzir, fruto de um pensamento aberto, inquieto e que se elaborava pela visualidade, não no sentido de contemplar o mundo, mas de querer transformá-lo.

Todo fazer poético de Patativa está permeado de elementos orais. Aqui lembramos dos gêneros da cantoria, dos folhetos que deixaram suas marcas na obra impressa. O suporte da escrita permitiu a difusão e a conservação da obra, mas esta continuou sendo oral, a se fazer voz, a ser um campo de diálogo, tornando possível a identificação de uma mensagem que se transforma em apelo. É essa a idéia principal da poesia de Patativa, apelo à ação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade não se manifesta apenas nos sons, mas também na maneira de criar, pensar e nos lugares que inspiram – como o ambiente de criação de Patativa do Assaré. Ela está presente no texto, seja na temática, na linguagem ou na performance. Oralidade e escrita são compreendidas como partes de um único processo que se combinam para ampliar os sentidos do texto. Em vez de enxergarmos uma separação entre o oral e o escrito, percebemos uma convergência entre esses dois universos, cada qual ocupando seu espaço e cumprindo uma função nos modos de comunicação.

As marcas da oralidade aparecem, em graus variados, nos dois estilos de linguagem que Patativa cultivava. O poema em linguajar matuto carrega uma oralidade mais marcante do que aquele em linguagem culta, pois a fala do homem do sertão realça sua força oral. O poeta dominava ambos os estilos com igual habilidade, evidenciando o alcance de seu talento.

O sertão é o berço da poesia de Patativa, sendo o cenário que despertou seu olhar para a vida, alimentando seus sonhos e esperanças. Sua poesia é direcionada às pessoas dessa região, com o propósito de reivindicar melhores condições de vida. Por isso, seu trabalho possui um caráter social, falando de um mundo real, marcado pelas ausências e pelas dificuldades.

Como poeta e agricultor, Patativa revelou o mundo sertanejo em todos os seus aspectos, com a intenção de atuar de forma ativa e transformadora. A essência de sua poesia está na voz, que lhe confere vivacidade, dinamismo e estabelece sua dimensão social, enquanto dá vida aos versos. A voz, em conjunto com o corpo, é indispensável para a plena compreensão do texto, unindo visualidade e audição em uma força que mantém viva essa simbiose.

REFERÊNCIAS

:

ALENCAR, J. M. de. **Cancioneiro Geral**. In: José de Alencar, Obra Completa. V. 04. Introdução Geral M. Cavalcante Proença. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré, as razões da emoção: capítulos de uma poética sertaneja**. São Paulo: USP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

ANDRADE, Claudio Henrique Sales. **Aspectos e impasses da poesia de Patativa do Assaré**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ASSARÉ, Patativa do. **Inscrição Nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.

_____. **Cante lá que eu canto cá**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Aqui tem coisa**. 2^a ed. Fortaleza: Secult, 1995.

_____. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: UECE, 2001.

_____. **Cordéis**. Fortaleza: UFC, 1999.

BANDEIRA, Manuel. **Cantador nordestino**. in: Luz, Zé da. Brasil Cabloco/ Sertão em carne e osso. João Pessoa, 1979.

_____. **Patativa poeta pássaro do Assaré**. Fortaleza: Omni Editora Associados Ltda., 2002a.

_____. **Patativa do Assaré: Pássaro Liberto**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002b.

DICIONÁRIO Literário Brasileiro Ilustrado. Vol. III. São Paulo: Saraiva, 1969. Organização Raimundo de Menezes.

FEITOSA, Luiz Tadeu *et al.* **Digo e não peço segredo**. Escrituras Editora, 2001.

FERNANDES, Rinaldo de. **Os cem melhores poetas brasileiros do século**. Geração editorial, 2001.

GONÇALVES, Marco Antônio. Imagem-palavra: a memória e o verso no cordel contemporâneo (Nordeste do Brasil). **Palavra sem imagens**: escritas, corpos e memórias, p. 13-33, 2016.

LE GOFF, J. (1990). **História e memória** (B. Leitão et al., Trans.). Campinas: Editora da Unicamp. (Original work published 1984)

ROSA, Rosani Saleti da. **A Poética da Natureza de Patativa do Assaré**: uma abordagem ecocrítica. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Toledo, 2022.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso**: prática e habilidade no repente nordestino. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

WALTER ONG, J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.